

III. *Terra sigillata* sudgálica: conceptualização ceramológica, geográfica e cronológica

1. Conceptualização ceramológica

Terra sigillata pode ser definida como “an essentially red kind of pottery with a sintered slip” (Polak, 2000, p. 15) e por sinterização entende-se a “primeira fase de vitrificação” (Polak, 2000, p. 15).

Na *terra sigillata*, a composição do verniz difere da da pasta. As partículas do verniz são muito mais pequenas e este é mais rico em potássio (K_2O) e sódio (Na_2O_3) do que o corpo da peça, por isso, este último funde a uma temperatura mais baixa, o que permite a sinterização do verniz sem deformar o corpo. Sendo igualmente o verniz pouco rico em cálcio, ao contrário do corpo, o primeiro pode assim aderir mais facilmente à parede. A própria aplicação do termo “verniz” não é pacífica. Este termo é usado no estudo da *terra sigillata* de *Conimbriga* (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975), mas o termo “engobe” é preferencialmente usado noutros estudos (Carvalho, 1993; Bourgeois e Mayet, 1991), por não possuir qualquer substância oleosa na sua composição (segundo Ana Arruda, *apud* Viegas, 2000, p. 30).

A cor avermelhada é resultante da alta percentagem de ferro (Fe_2O_3) na pasta e verniz. No caso do segundo, este contém igualmente muito alumínio e pouco cálcio, ao contrário da pasta, o que torna esta de coloração menos intensa.

As condições de cozedura são também essenciais para a qualidade do fabrico, tanto na consistência, como na cor e sinterização, sendo essencial que o processo de cozedura usado num forno — de dupla câmara, com contacto entre a câmara de combustão e a das peças — seja feito em modo oxidante, pois, em caso de ambiente redutor, o Fe_2O_3 é convertido em Fe_2O_4 , de coloração enegrecida. Tal acontece quando os finais de cozedura não são realizados com abertura das portas do forno, o que provoca a continuação do ambiente redutor, no interior da câmara dos materiais, enquanto se processa o arrefecimento do forno. Quando se efectua a normal abertura das portas, o ambiente torna-se imediatamente oxidante conferindo a coloração avermelhada característica das peças de *terra sigillata*.

No caso dos fornos tipo mufla, a cor avermelhada é obtida naturalmente, graças às características arquitectónicas deste equipamento, no qual a câmara dos materiais trabalha sempre em ambiente oxidante, por não haver passagem dos gases do compartimento de combustão para o das peças. No entanto, para obter a sinterização do verniz, a temperatura da câmara de combustão tem de atingir níveis mais elevados do que nos fornos normais de dupla câmara.

A genuína *terra sigillata* requer a utilização de muflas (Polak, 2000, p. 16). No entanto, em vários centros produtores sudgálicos, a produção da genuína *terra sigillata* foi precedida de uma etapa prévia, a qual se caracteriza, entre outros factores, pelo recurso a fornos de dupla câmara (Polak, 2000, p. 16).

2. Conceptualização geográfica e cronológica

2.1. O nascimento da *terra sigillata sudgálica*

Talvez por problemas de fornecimento da *terra sigillata* itálica, inicia-se, no último quartel do século I a.C. — embora não em simultâneo — uma produção com recurso a fornos de dupla câmara, em Lyon-La Muette, Bram, Narbonne, Montans e La Graufesenque (Polak, 2000, p. 34; Vernhet, 1986b, p. 33), durante um período no qual o abastecimento das tropas do Reno, estacionadas no *limes* germânico, deve ter-se apresentado como um destino preferencial destas novas produções.

Parece consensual a aceitação de uma fase primeira, em que se praticavam as cozeduras A e B de M. Picon, reproduzindo formas itálicas, entre 25 a.C. e 5/15 d.C. (Vernhet, 1986, p. 33).

Três centros destacam-se nesta conjuntura histórica: Lyon-La Muette, Bram e Narbonne, sendo que para o primeiro são conhecidos dados fundamentais da sua comercialização que o podem explicar mais convincentemente, na transição da *terra sigillata* itálica para a sudgálica. Lyon-la Muette implanta-se na margem esquerda do rio Sena, por volta de 10 a.C., com a participação activa de oleiros itálicos, oriundos de Arezzo e Pizza, hipótese aceite por vários autores (Polak, 2000, p. 33; Wells, 1977).

Segundo Lasfargues e Vertet, o final da produção deste centro poderá situar-se em 20 d.C., embora considerem que a laboração de cerâmica lisa cesse logo em inícios da nossa era, no reinado de Augusto; tal proposta é aceite igualmente por Schnurbein, pois a *terra sigillata* lisa de La Muette surge apenas nos níveis alto-tiberianos de Mainz, Vindonissa e Velsen 1 (*apud* Polak, 2000, p. 33). Polak apresenta uma proposta diferente para o fim de Lyon-La Muette, baseado no facto de quase metade da cerâmica lisa existente no acampamento de Haltern, abandonado em cerca de 9 a.C., ser de Lyon (Polak, 2000, p. 33) — sendo que a maioria da *terra sigillata* existente neste acampamento provém igualmente de Lyon — e no facto de Velsen 1 ter uma datação inicial de 15/16 d.C., o que permitiria admitir uma produção de *terra sigillata* lisa em Lyon até Tibério.

Uma análise conjunta de formas, marcas, argila e verniz levam os vários autores a aceitar a presença de oleiros itálicos na génese de La Muette. Análises realizadas nos anos 70 demonstraram que vários moldes de *terra sigillata* decorada deste centro foram importados de Arezzo e utilizados em conjunto com outros de fabrico próprio; além disso, os estudos realizados sobre peças de *C. Ateius*, oleiro itálico importante no espólio de Haltern, demonstram que 60% dos vasos deste oleiro provêm de Pisa, 30% de Lyon e 10% de Arezzo (Wells, 1977, p. 3-4).

Bram e Narbonne, no vale do Aude, produziram uma *terra sigillata* de verniz não sintetizado, no último quartel do século I a.C. (Bram) e entre 10 a.C. e 30 d.C. — Narbonne — (Vernhet, 1986c, p. 33; Passelac, 1986b; Passelac e Sabrié, 1986). Não são conhecidas muflas nestes centros; mas, ao contrário de Lyon-La Muette, os oleiros conhecidos em Narbonne são-no apenas neste centro não sendo possível relacioná-los com outros centros oleiros, nomeadamente itálicos (Polak, 2000, p. 17). A participação de oleiros itálicos neste processo não é ainda muito clara nos seus contornos e deve assumir diferentes maneiras. Não há evidência de uma relação directa entre Lyon-La Muette e a formação dos centros de Montans e La Graufesenque. Poucos oleiros conhecidos podem ser considerados contemporâneos e comuns a La Muette e La Graufesenque; além disso, o forno de mufla parece surgir nos centros sudgálicos ainda na primeira década do século I d.C., quando ainda laborava Lyon-La Muette (Polak, 2000, p. 34). Muitas vezes apresentados como centros produtores de *terra sigillata* sudgálica (Vernhet, 1986c), Bram e Narbonne são considerados, como Lyon-La Muette, centros de produção de uma “proto-*sigillata*” ou de uma “imitação de *sigillata*” (Polak, 2000, p. 16), ou ainda de “pré-*sigillées* sud-gauloises” (Passelac, 1986a, p. 36). A aplicação dos conceitos não é pacífica e pode depender da importância que os diversos autores atribuem aos factores em análise. Polak (2000) parece privilegiar os aspectos técnicos na conceptualização do material; por outro lado, autores como C. Wells (1977) privilegiam o papel e a origem dos oleiros presentes neste novos centros. As relações já apontadas entre La Muette e Arezzo por este último autor levam-no a considerar o centro de Lyon como “une véritable succursale d’Arezzo” (Wells, 1977, p. 4).

2.2. Os centros sudgálicos de terra sigillata

Mais pacífica parece ser a aplicação do conceito de “sudgálico”, embora não possa ser entendido como um conceito operativo referente a uma única realidade, mas antes a uma heterogeneidade espacial e temporal, bem como comercial (Polak, 2000, p. 15). No entanto, entre as várias oficinas há inequívocos canais de comunicação e de interesse, por vezes de filiação, demonstrados pela partilha de oleiros e de instrumentos, bem como por uma evolução estilística homogénea no espaço e no tempo (Vernhet, 1986a, p. 41).

Nos finais de Augusto, ou já nos inícios de Tibério — 5/15 d.C. — (Vernhet, 1986c, p. 33; Passelac, 1986a, p. 36), começa uma segunda fase, na qual se produz uma *terra sigillata* genuína, segundo o modo C de M. Picon, sinterizada (Vernhet, 1986c, p. 33).

QUADRO DESCRITIVO

Oficinas	Cronologia	Oleiros	Fornos	Grafitos de Pré-Cozedura
Bram	25 a.C.-0	10-12	1?	0
Narbonne	10 a.C.-30 d.C.	?	1?	0
Montans	10 a.C.-260 d.C.	210	10?	2
Valéry	40-70 d.C.	40*	0	0
Aspiran	15-40 d.C.	7-11	1	0
Carrade	40-80 d.C.?	10	4	0
Rozier	50-80 d.C.	21	1?	2
Banassac	60-180 d.C.	- de 75	0	0
La Graufesenque	10 a.C.-250 d.C.	450	6	270
Jonquières	1-30 d.C.	?	0	0
Crambade	15-20 d.C.	4	1	0
Brive**	70-110	?	?	0

Extraído de Vernhet, 1986c, p.33.

* segundo Polak, 2000, p. 20.

** segundo Moser, 1986.

2.2.1. Grupo este: La Graufesenque, Aspiran, Jonquières/Saint Saturnin, Le Rozier, Banassac

La Graufesenque (Millau)

Este centro produtor situa-se na margem esquerda do rio Tarn, na actual cidade de Millau. Conhece-se hoje uma área de cerca de 10 ha, escavada ao longo de várias campanhas de trabalho de campo: entre 1862 e 1885, pelos abades Malzac e Lères; entre 1901 e 1906, pelo abade F. Hermet; entre 1950 e 1954, por L. Balsan; e, por último, entre 1965 e 1981 (Vernhet, 1986b, p. 96).

Nos seus primeiros momentos, até ao primeiro quartel do século I d.C., apresenta grandes semelhanças às decorações de Arezzo e às formas lisas itálicas. A configuração das marcas mais antigas é também de clara inspiração em Arezzo, com duas linhas de texto enquadrado por grinalda ou dupla linha (Polak, 2000, p. 24).

No segundo quartel do século I assiste-se a um gradual abandono da tradição itálica, tanto nas decorações como nas formas. As estampas apresentam agora termos eminentemente sud-

gálicos, como “*officina*”, “*fecit*”, ou “*manus*”, os quais são raros na Península Itálica (Polak, 2000, p. 24); surgem formas que se tornarão importantes, como as Drag. 29 e 18.

A última sequência de escavações (1965-1981) revelou 4000 m² de oficinas, habitats e lugares de culto (Vernhet, 1986b, p. 96). Detectou igualmente uma mudança crucial na evolução deste centro, ocorrida no terceiro quartel do século I, com o estabelecimento de muitas oficinas, tal como sucede em Le Rozier (Polak, 2000, p. 25). Surgem então seis novos serviços (Vernhet, 1976). Apesar do intensificar da produção, esta mantém-se em níveis altos de qualidade, como demonstra a fossa de *Galicanus*, datada de 55-60 d.C., a qual continha milhares de peças rejeitadas por imperfeição (Polak, 2000, p. 25).

No último quartel desta centúria, a qualidade desce de patamar, tanto ao nível dos perfis e das decorações, como do brilho dos vernizes que pode tornar-se menos intenso (Polak, 2000, p. 25; Bourgeois e Mayet, 1991).

Aspiran e Jonquières/Saint-Saturnin (Hérault)

Situa-se a cerca de 10 km de La Graufesenque, entre este e o Mediterrâneo, perto de uma *villa* romana que poderia tutelar este centro. Terá sofrido uma influência inicial de La Graufesenque, mas também itálica, a ver pelas marcas *in planta pedis* (Laubenheimer e Albagnac, 1986; Polak, 2000, p. 25).

Le Rozier (Lozère)

Situa-se a cerca de 15 km de La Graufesenque e possui uma área de cerca de 2ha. Nasceu em simultâneo à fase de expansão de La Graufesenque e produziu as formas Drag. 24, Ritt. 8 e 9, Drag. 35, 36 e 37. São conhecidos 21 oleiros e quase todos surgem igualmente em La Graufesenque. A composição química das peças deste centro é idêntica à de La Graufesenque (Vernhet e Thuault, 1986; Polak, 2000, p. 26).

Banassac (Lozère)

Situa-se em ambas as margens do rio Urugne. Possui cerca de 10ha e considera-se que apenas uma pequena parte esteja investigada nas campanhas de 1953 e 1960-64 (Hofmann, 1986; Polak, 2000, p. 29). É grande a semelhança das suas formas com as de La Graufesenque, sobretudo nos momentos iniciais, sendo difícil a distinção das peças de ambos os centros, até porque as pastas são semelhantes e vários oleiros terão trabalhado em ambos os centros. Tal é o caso de *Germanus*, cujos moldes foram utilizados em ambos os locais, não se sabendo ainda se com produções distintas ou se apenas com troca de utensílios (Polak, 2000, p. 29), mas também de *Iulius Aemilius*, *T. Iulius Aplastus*, *Claudius Gemma*, ou *Biragillus*, que trabalharam em La Graufesenque na primeira centúria (Polak, 2000, p. 30). Estes dados em conjunto são o suporte para aceitar a cronologia inicial deste centro ainda no século I, algo que não é defendido por Polak, baseado em cronologias estratigráficas de sítios de consumo do século II, como Bad Cannstatt, Munnigen e Pfünz, cujas ocupações se iniciam, todavia, em finais do século I (Polak, 2000, p. 30), pelo que este suposto desfazamento temporal pode espelhar apenas um início de laboração do centro sem possuir ainda um mercado alargado. Apesar de ter como mercados preferenciais a *Germania* e o Danúbio (Polak, 2000, p. 30; Hofmann, 1986), são conhecidos exemplares comercializados na costa noroeste africana (Vernhet, 1986a, p. 40).

2.2.2. Grupo oeste: Montans, Crambade, Valéry, Saint-Saveur

Montans (Tarn)

Após uma fase de produção de *sigillata* sem sinterização do verniz, em fornos de dupla câmara, este centro começa a produzir uma genuína *terra sigillata*, em fornos de mufla, na primeira década do século I d.C., sob influência itálica nas formas e decorações, bem como nas marcas de tipo “*in corona*”, características de Puteoli (Polak, 2000, p. 18; Martin, 1986b).

Nos finais do principado de Nero fazem-se sentir influências de La Graufesenque: alguns dos seis serviços (A, C, F) flavianos deste centro são igualmente produzidos em Montans; são utilizados moldes de La Graufesenque na elaboração de decorações, nomeadamente dos oleiros *T. Flavius Secundus*, *Acutus* e *Longirnus*. As semelhanças formais dos produtos de ambos os centros acentuam-se no último quartel do século I (Polak, 2000, p. 19). As diferenças de verniz e pasta entre os dois centros pode mesmo em muitos casos ser imperceptível sem o recurso a análises laboratoriais (Lopes, 1994, p. 38).

Ao todo, cerca de 40 oleiros poderão ser comuns a La Graufesenque e Montans (Polak, 2000, p. 20).

Crambade (Montans, Tarn)

Situa-se a 4 km de Montans. Para além de semelhanças decorativas e formais com este centro, terão trabalhado aqui 4 oleiros comuns: *Felix*, *Lupus*, *Rufus* e *Votornus* (Polak, 2000, p. 20; Martin, 1986c).

Valéry (Busque, Tarn)

Este centro seria tutelado por uma *villa*, na qual se implantava. Dos quarenta oleiros conhecidos, trinta terão também trabalhado em Montans, o que explica as grandes semelhanças estilísticas entre ambos os centros (Polak, 2000, p. 20; Martin, 1986e).

Saint-Saveur (Gaillac, Tarn)

Situa-se na margem direita do Tarn, em posição oposta a Montans. A escavação de 1868 revelou bastantes dados em comum. O oleiro *Longirnus* terá desempenhado um papel muito importante neste centro, o que levanta a hipótese de poder ser uma sucursal de La Graufesenque em Montans: estampas deste oleiro em muitos exemplares de Drag. 27 e em moldes de Drag. 29 e 37. *Longirnus* exerceria já a sua actividade em La Graufesenque, na época de Nero, o que confere um *terminus post quem* para este centro (Polak, 2000, p. 20; Martin, 1986d).